

Dogma e Ritual de Alta Magia

Eliphas Levi Zahed

Título original:
Dogme et Rituel de la Haute Magie

Publicação original em 1855.

DISCURSO PRELIMINAR

DAS TENDÊNCIAS RELIGIOSAS, FILOSÓFICAS E MORAIS

(DOS NOSSOS LIVROS SOBRE A MAGIA)

Desde que a primeira edição deste livro foi publicada, Agendes acontecimentos se realizaram no mundo, e outros — talvez maiores — estão para se realizar.

Estes acontecimentos nos tinham sido anunciados, como de ordinário, por prodígios: as mesas haviam falado, vozes haviam saído das paredes, mãos sem corpos haviam escrito palavras misteriosas, como no festim de Baltazar.

O fanatismo, nas últimas convulsões da sua agonia, deu sinal desta última perseguição dos cristãos, anunciada por todos os profetas. Os mártires de Damasco perguntaram aos mortos de Perusa o nome daquele que salva e que abençoa; então o céu se cobriu com um véu e a terra ficou muda.

Mais do que nunca, a ciência e a religião, a autoridade e a liberdade, parecem guerrear-se encarniçadamente e guardar entre si um ódio irreconciliável. Não acrediteis, todavia, nas suas aparências sanguinolentas: elas estão em vésperas de se unirem e de se abraçarem para sempre.

A descoberta dos grandes segredos da religião e da ciência primitiva dos Magos, revelando, ao mundo a unidade do dogma universal, aniquila o fanatismo, dando a razão dos prodígios, O verbo humano, o criador das maravilhas do homem, se une pura sempre com o verbo de Deus, e faz cessar a antinomia universal, fazendo-nos compreender que a harmonia resulta da analogia dos contrários.

O maior gênio católico dos tempos modernos, o conde José de Maistre, tinha previsto este grande acontecimento. "Newton — dizia ele — nos leva a Pitágoras; a analogia que existe entre a ciência e a fé deve, cedo ou tarde, uni-las. O mundo está sem religião, mas esta monstruosidade não poderia existir por muito tempo; o século XVIII dura ainda, mas vai acabar."

Participando da fé e das esperanças deste grande homem, ousamos escavar as ruínas dos velhos santuários do ocultismo; perguntamos às

doutrinas secretas dos caldeus, egípcios e hebreus os segredos da transfiguração dos dogmas, e a verdade eterna nos respondeu — a verdade, que é una e universal como ó ente; a verdade que vive nas forças da natureza, os misteriosos Elohim que refazem o céu e a terra, quando o caos tomou, por algum tempo, a criação e suas maravilhas, e quando só o espírito de Deus pairava sobre o abismo das águas.

A verdade está acima de todas as opiniões e de todos os partidos.

A verdade é como o sol; cego é quem não a vê. Tal era, não o podemos duvidar, o sentido de uma célebre palavra de Bonaparte, dita por ele numa época em que o vencedor da Itália, resumindo a revolução francesa, encarnada somente nele, começava a compreender como a república podia ser uma verdade.

A verdade é a vida, e a vida se prova pelo movimento. É pelo movimento determinado e efetivo, enfim, pela ação, que a vida se desenvolve e se reveste de novas formas. Ora, os desenvolvimentos da vida por si mesma e a sua produção de formas novas, nós chamamos criação. A potência inteligente que age no movimento universal, chamamo-la o verbo, de um modo transcendental absoluto. É a iniciativa de Deus, que nunca pode ficar sem efeito, nem parar sem ter atingido o seu fim. Para Deus, falar é fazer; e tal deveria ser sempre a capacidade da palavra, mesmo entre os homens: a verdadeira palavra é a semente das ações. Uma emissão de inteligência e de vontade não pode ser estéril, sem que haja abuso ou profanação da sua dignidade original. E é por isso que o Salvador dos homens deve nos pedir uma conta severa, não só de todos os pensamentos desencaminhados, mas também, e principalmente, das palavras ociosas.

Jesus, diz o Evangelho, era poderoso em obras e em palavras; as obras antes das palavras: é assim que se estabelece e se prova o direito de falar. Jesus se pôs a fazer e a falar, diz alhures um evangelista, e, muitas vezes, na linguagem primitiva da sagrada Escritura, uma ação é chamada um verbo.

Em todas as línguas, aliás, denomina-se verbo aquilo que exprime, ao mesmo tempo, o ente e a ação, e não há verbo que não possa ser suprido pelo verbo fazer, mudando o regime. No princípio estava o verbo, diz o evangelista S. João. Em que princípio? No primeiro princípio: no princípio absoluto que existe antes de tudo. Neste princípio estava, pois, o verbo, isto é, a ação. Isso é incontestável em filosofia, pois que o primeiro princípio é necessariamente o primeiro motor. O Verbo não é uma abstração: é o princípio mais positivo que há no mundo, pois que ele se prova, sem cessar, por atos. A filosofia do Verbo é essencialmente a filosofia da ação e dos

fatos realizados, e é nisso mesmo que é preciso distinguir um verbo de uma palavra. A palavra pode ser, às vezes, estéril, como na seara se acham espigas chochas, mas o Verbo não o é. O Verbo é a palavra cheia e fecunda, os homens não se divertem em escutá-lo e aplaudi-lo; eles o realizam sempre, muitas vezes sem o compreender, quase sempre sem lhe ter resistido! As doutrinas que o povo repete não são as que têm sucesso. O cristianismo era ainda um mistério, quando os Césares já se sentiam destronados pelo Verbo cristão. Um sistema que o mundo admira e que a multidão aplaude pode ser somente um brilhante conjunto de palavras estéreis; um sistema que a humanidade suporta, por assim dizer, contra a sua vontade, é um verbo.

O poder se prova por seus resultados, e como dizem que escreveu um profundo político dos tempos modernos: "A responsabilidade é alguma coisa quando não se tem êxito." Esta palavra, que espíritos ininteligentes acharam imoral, é igual-mente verdadeira se for aplicada a todas as noções especiais que distinguem a palavra do Verbo, a vontade da ação, ou antes o ato imperfeito do ato perfeito. O homem que se dana, conforme a teologia católica, é o que não tem o êxito de salvar-se. Pecar é faltar à felicidade. O homem que não é bem sucedido, errou sempre: quer em literatura, quer em moral, quer em política. O mau em qualquer gênero é o belo e o bom mal sucedidos. E se for preciso ir mais além até o domínio eterno do dogma, dois espíritos havia outrora, cada um dos quais queria a divindade para si só: um teve sucesso e é ele que é Deus; o outro malogrou-se e veio a ser o demônio!

Ser bem sucedido e poder; malograr-se sempre é tentar eternamente: estas duas palavras resumem os dois destinos opostos do espírito do bem e do espírito do mal!

Quando uma vontade modifica o mundo, é um Verbo que fala, e todas as vozes se calam diante dele, como diz o livro dos Macabeus a respeito de Alexandre; mas Alexandre morreu com seu verbo de poder, porque nele não havia futuro; a menos que a grandeza romana não tivesse sido a realização do seu sonho! Ora, em nossos dias se passa alguma coisa de mais estranho: um homem que morreu no exílio, no meio do Oceano Atlântico, faz calar segunda vez a Europa diante do seu verbo, e conserva ainda o mundo inteiro suspenso pela única força de seu nome! É que a missão de Napoleão foi grande e santa; é que havia nele um Verbo de verdade. Só Napoleão podia, depois da revolução francesa, reerguer os altares do catolicismo, e só o herdeiro moral de Napoleão tinha o direito de levar Pio IX a Roma. Vamos dizer por que:

Há, na doutrina católica da Encarnação, um dogma conhecido nas escolas teológicas sob o título de Comunicação dos Idiomas. Este dogma afirma que, na união da divindade e da humanidade realizada em Jesus Cristo, a aproximação das duas naturezas foi tão estreita, que resultou disso uma identidade e uma muito simples unidade de pessoa; o que faz com que Maria, mãe do homem, possa e deva ser chamada mãe de Deus. (O mundo inteiro agitou-se por causa desta prerrogativa no tempo do concílio de Éfeso.) O que faz que se possa atribuir a Deus os sofrimentos do homem e ao homem as glórias de Deus. Numa palavra, a Comunicação dos Idiomas é a solidariedade das duas naturezas divina e humana em Jesus Cristo; solidariedade em nome da qual se pode dizer que Deus é homem, e que o homem é Deus.

O magismo, revelando ao mundo a Lei universal do equilíbrio e da harmonia que resultam da analogia dos contrários, soma todas as ciências pela base, e preludia pela reforma das matemáticas uma revolução universal em todos os ramos do saber humano: ao princípio gerador dos números ele une o princípio gerador das idéias, e, por conseguinte, o princípio gerador dos mundos, levando, assim, à luz da ciência o resultado incerto das instituições muito físicas de Pitágoras; opõe ao esoterismo teúrgico de Alexandria uma fórmula clara, precisa, absoluta, que todas as ciências regeneradas demonstram e justificam; a razão primária e o fim último do movimento universal, quer nas idéias, quer nas formas, se resumem definitivamente para ele em alguns sinais de álgebra sob a forma de uma equação.

As matemáticas, assim compreendidas, nos levam à religião, porque se tornam, sob qualquer forma, a demonstração do infinito gerador da extensão e a prova do absoluto, de que emanam os cálculos de todas as ciências.

Esta sanção suprema dos trabalhos do espírito humano, esta conquista da divindade pela inteligência e pelo estudo, deve consumir a redenção da alma humana e alcançar a emancipação definitiva do Verbo da humanidade. Então, o que ainda hoje chamamos lei natural terá toda a autoridade e infalibilidade de uma lei revelada; então, também se há de compreender que a lei positiva e divina é, ao mesmo tempo, uma lei natural, porque Deus é o autor da natureza, e não poderia contradizer-se nas suas criações e nas suas leis.

Desta reconciliação do Verbo humano nascerá a verdadeira moral, que ainda não existe de um modo completo e definitivo. Então, também uma nova carreira se abrirá diante da Igreja universal. Com efeito, até o presente, a infalibilidade da Igreja só constitui o dogma, e para isso, sem

dúvida, a Divindade não queria ter necessidade do concurso dos homens, chamados mais tarde a compreender o que deviam crer primeiramente. Porém, para constituir a moral, não se dá a mesma coisa, porque ela é tão humana como divina; e necessariamente deve consentir no pacto aquele que mais obrigações toma nele. Sabeis vós o que falta mais ao mundo, na época em que estamos? É a moral. Todos o sentem, todos o dizem, e, portanto, são abertas em toda parte escolas de moral. Que falta a essas escolas? Um ensinamento que inspirasse confiança; numa palavra, uma autoridade razoável, em vez de uma razão sem autoridade de uma parte, e de uma autoridade sem razão de outra.

Observemos que a questão moral foi o pretexto da grande deserção que deixa, neste momento, a Igreja viúva e desolada. É em nome da humanidade, esta expressão material da caridade, que se fez revoltarem os instintos populares contra dogmas falsamente acusados de serem desumanos.

A moral do catolicismo não é desumana, mas é, muitas vezes, sobre-humana; por isso, ela não era dirigida aos homens do mundo antigo, e estava unida a um dogma que estabelece como possível a destruição do homem velho e a criação de um homem novo. O magismo acolhe este dogma com entusiasmo, e promete este renascimento espiritual à humanidade para a época da reabilitação do Verbo humano. Então, diz ele, o homem, tornado criador como Deus, será o operador do seu desenvolvimento moral e autor da sua imortalidade gloriosa. Criar a si próprio, tal é a sublime vocação do homem restabelecido em todos os seus direitos pelo batismo no espírito; e haverá uma tal conexão entre a imortalidade e a moral, que uma será o complemento e a conseqüência da outra.

A luz da verdade é também a luz da vida. Mas a verdade, para ser fecunda em imortalidade, quer ser recebida em almas, ao mesmo tempo, livres e submissas, isto é, voluntariamente obedientes. Com o esplendor desta claridade, a ordem se estabelece nas formas como nas idéias, ao passo que o crepúsculo enganador da imaginação só engendra e só pode engendrar monstros. Assim, o inferno se povoa de pesadelos e de fantasmas; assim o pagode dos charlatães se enche de divindades horrendas e disformes; assim, as tenebrosas evocações da teurgia dão às quimeras do Sabbat uma fantástica existência. As imagens simbólicas e populares da tentação de Santo Antônio representam a fé pura e simples, lutando, na aurora do cristianismo, contra todos os espectros do mundo antigo: mas o Verbo humano, manifestado e vitorioso, foi profeticamente figurado por este admirável São Miguel, a quem Rafael dá para vencer, com uma

simples ameaça, um ser inferior, tendo também a figura humana, mas com os caracteres do bruto.

Os místicos religiosos querem que se faça o bem unicamente para obedecer a Deus. Na ordem da verdadeira moral, será, sem dúvida, necessário fazer o bem pela vontade de Deus, mas também pelo próprio bem. O bem é, em Deus, o justo por excelência, que não limita, mas determina a sua liberdade. Deus não pode danar a maioria dos homens por capricho despótico. Deve existir uma proporção exata entre as ações do homem e a criação determinante da sua vontade, que faz dele, definitivamente, uma potência do bem ou um auxiliar do mal, e é o que a ciência da alta magia demonstra.

Eis o que escrevemos num livro publicado em 1845: "O tempo da fé cega passou, pois, e chegamos à época da fé inteligente e da obediência razoável; o tempo em que não acreditaremos somente em Deus, mas em que havemos de vê-lo nas suas obras, que são as formas exteriores do seu ente. "Ora, eis aqui o grande problema da nossa época: "Traçar, completar e fechar o círculo dos conhecimentos humanos; depois, pela convergência dos raios, achar um centro, que é Deus.

"Achar uma escala de proporção entre os efeitos, as vontades e as causas, para subir daí à causa e à vontade primeira.

"Constituir a ciência das analogias entre as idéias e a sua fonte primitiva.

"Tornar qualquer verdade religiosa tão certa e tão clara-mente demonstrada como a solução de um problema de geometria."

Eis agora o que diz um homem que foi assaz feliz para achar, antes de nós, a demonstração do absoluto conforme os antigos sábios, mas assaz infeliz por ver nesta descoberta somente um instrumento de fortuna e um pretexto de cupidez:

"Ser-nos-á suficiente dizer, antecipadamente à doutrina do Messianismo, que, de um lado, a aplicação da razão absoluta à nossa faculdade psicológica da cognição produz em nós a faculdade superior da criação dos princípios e da dedução das conseqüências, que é o grande objeto da filosofia, e, de outro lado a aplicação da razão absoluta à nossa faculdade psicológica do sentimento produz, em nós, a faculdade superior do sentimento moral e do sentimento religioso, que é o grande objeto da religião. — Poder-se-á, assim, entrever como o Messianismo alcançará a união final da filosofia e da religião, desembaraçando uma e outra dos seus

obstáculos físicos e terrestres, e levando-as, além destas condições temporais, à razão absoluta, que é a sua fonte comum.

Além disso, já se poderá reconhecer como pela influência destas condições temporais ou destes obstáculos físicos, se tornam possíveis, de um lado, o erro no domínio da filosofia, e do outro, o pecado no domínio da religião; principalmente quando estas condições físicas são comuns à da depravação hereditária da espécie humana, que faz parte da sua natureza terrestre. E então se compreenderá como a razão absoluta, que está acima dessas condições, desta nódoa terrestre, e que, no Messianismo, deve destruir até a fonte do erro e do pecado, forma, sobre a expressão alegórica da virgem que deve esmagar a cabeça da serpente, a realização desta predição sagrada. — Ê, pois, esta Virgem augusta que o Messianismo introduz hoje no santuário da humanidade."

Crêde e vós compreenderéis, dizia o Salvador do mundo; — estudai e haveis de crer, podem dizer, agora, os apóstolos do magismo.

Crer é saber por palavra. Ora, esta palavra divina, que antecipava e supria por um tempo a ciência cristã, devia ser compreendida mais tarde, conforme a promessa do mestre. Eis, pois, o acordo da ciência e da fé provada pela própria fé.

Mas, para estabelecer para a ciência a necessidade deste acordo, é preciso reconhecer e estatuir um grande princípio: é que o absoluto não se acha em nenhuma das duas extremidades da antinomia, e que os homens de partido, que sempre puxam para os extremos opostos, temem ao mesmo tempo chegar a esses extremos, considerando como loucos perigosos os que declaram claramente as suas tendências, e, no seu próprio sistema, temem instintivamente o fantasma do absoluto como o nada ou a morte, É assim que o piedoso arcebispo de Paris desaprova formalmente as basófias inquisitoriais do Universo, e que todo o partido revolucionário se indignou contra as brutalidades de Proudhon.

A força desta prova negativa consiste nesta simples observação: que um lugar central deve reunir duas tendências opostas em aparência, que estão na impossibilidade de dar um passo, sem que uma arraste a outra para trás; o que necessitará, em seguida, de uma reação semelhante. Eis aí o que acontece desde há dois séculos: presas, assim, uma à outra, sem saberem e por detrás, essas duas potências estão condenadas a um trabalho de Sísifo e mutuamente se fazem obstáculo. Voltai--vos, dirigindo-as para o ponto central, que é o absoluto, então rins se encontrarão face a face, e, apoiando-se uma na outra, produzirão uma estabilidade igual à força dos seus esforços contrários, multiplicados uns pelos outros.

Para voltar, assim, às forças humanas, o que, à primeira vista, parece um trabalho de Hércules, basta desenganar as inteligências e mostrar-lhes o fim onde crêem achar o obstáculo.

A Religião é razoável. Eis o que é preciso dizer à filosofia; e pela simultaneidade e a correspondência das leis geradoras do dogma e da ciência, pode-se prová-lo radicalmente.

A Razão é santa. Eis o que é preciso dizer à Igreja, e deve-se provar-lhe, aplicando à vitória da sua doutrina de caridade todas as conquistas da emancipação e todas as glórias do progresso.

Ora, Jesus Cristo, sendo o tipo da humanidade regenerada, a divindade feita homem, tinha por missão tornar a humanidade divina: o Verbo feito carne permitia à carne fazer-se Verbo, e é o que os doutores da Igreja não compreenderam a princípio; o leu misticismo quis absorver a humanidade na divindade. Negaram o direito divino; acreditaram que a fé devia aniquilar a razão, sem lembrar-se desta palavra profunda do maior dos hierofantes cristãos: "Todo espírito que divide o Cristo é um espírito do Anticristo."

A revolta do espírito humano contra a Igreja, revolta que foi sancionada por um espantoso sucesso negativo, teria sido, pois, neste ponto de vista, um protesto em favor do dogma integral; e a revolução, que dura há três séculos e meio, teria tido por causa um grande equívoco!

Com efeito, a Igreja católica nunca negou nem pôde negar a divindade humana, o Verbo feito carne, o Verbo humano!

Nunca consentiu nestas doutrinas absorventes e enervantes que destroem a liberdade humana num quietismo insensato. Bossuet teve a coragem de perseguir a senhora Guyon, de que, todavia, admirava e admiramos, depois dele, a conscienciosa loucura; mas Bossuet viveu, infelizmente, só depois do Concílio de Trento. Era preciso que a experiência divina tivesse o seu curso.

Sim, chamamos a revolução francesa uma experiência divina, porque Deus, nesta época, permitiu ao gênio humano medir-se contra ele; luta estranha que devia acabar por um apertado abraço; depravação do filho pródigo que tinha por único futuro uma volta decisiva e uma festa solene na casa do pai da família.

O Verbo divino e o Verbo humano, concebidos separadamente, mas sob uma noção de solidariedade que os tornava inseparáveis, tinha, desde o começo, fundado o papado e o império: as lutas do papado para prevalecer

sozinho tinham sido a afirmação do Verbo divino; e esta afirmação, para restabelecer o equilíbrio do dogma da Encarnação, devia corresponder, no império, a uma afirmação absoluta do Verbo humano. Tal foi a origem da Reforma, que tendeu aos direitos do homem! Os direitos do homem! Napoleão os provou pela glória com que cobriu sua espada. Encarnada e resumida em Napoleão, a revolução cessou de ser uma desordem e produziu, por um brilhante sucesso, a prova incontestável do seu Verbo. É então que se viu — coisa inaudita nos fastos da religião! — o homem estender, por sua vez, a mão a Deus, como que para o levantar da sua queda. Um papa, cuja piedade e ortodoxia nunca foram contestadas, veio sancionar, com a autoridade de todos os séculos cristãos, a santa usurpação do novo César, e a revolução encarnada foi sagrada, isto é, recebeu a unção que faz os Cristos, da própria mão do mais venerável sucessor dos pais da autoridade!

É sobre semelhantes fatos, tão universais, tão incontestáveis e tão brilhantes de claridade como a luz do sol, é sobre fatos semelhantes que o Messianismo estabeleceu a sua base na história.

A afirmação do Verbo divino pelo Verbo humano, impelida por este último, até o suicídio, à força de abnegação e de entusiasmo, eis a história da Igreja desde Constantino até a Reforma.

A imortalidade do Verbo humano, provada por convulsões terríveis, por uma revolta que chegou ao delírio, por combates gigantescos e por sofrimentos semelhantes aos de Prometeu, até a vinda de um homem assaz forte para prender de novo a humanidade a Deus: eis a história da revolução inteira!

Fé e razão! dois termos que o homem julga serem opostos e que são idênticos.

Autoridade e liberdade, dois contrários que são fundamentalmente a mesma coisa, pois que não pode existir um sem o outro.

Religião e ciência, duas contradições que se destroem mutuamente, enquanto contradições, e se afirmam reciprocamente, se as considerarmos como duas afirmações fraternas.

Eis aí o problema estabelecido e já resolvido pela história. Eis aí o enigma da esfinge explicado pelo Édipo dos tempos modernos, o gênio de Napoleão.

Ê certamente um espetáculo digno de todas as simpatias do gênero humano, e diremos mais, digno da admiração até dos espíritos mais frios,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

